



Exposição  
"para jordan os mirantes"

24ª exposição

**"Roque Gameiro – um passeio pela aldeia"**



NA LOJA  
NA DA MARROA

alfredo roque gameiro. mestre migança (1864-1935)  
aguarela sobre papel. A da borra regatinhada sobre moinho da fonte  
coleção cam (gulbenkian, lisboa) em depósito no museu de aguarela roque gameiro

Roque Gameiro

## Museu de Aguarela Roque Gameiro

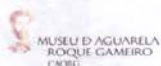


O Museu não se confina só ao percurso expositivo, percurso expositivo esse que é a sua coluna vertebral, a base de trabalho; é mais do que isso, ultrapassa essa função, é um espaço aberto à participação de todos, um ponto de encontro de experiências, vivências, memórias e expectativas, um fórum de partilhas, uma escola de cidadania que participa como parceiro no processo de desenvolvimento local. Embora nunca abandonando a sua função específica, a exposição, "sai da sua casa" e vai ao encontro da comunidade em que se insere pois esta vê-o e sente-o como parte concreta da sua referência colectiva.

As exposições estão longe de se esgotarem nas peças (aguarelas) objectivamente patentes nas salas do Museu. Em cada exposição, onde as visitas são todas guiadas, procura-se proporcionar uma experiência dinâmica onde a comunidade se projecta e se revê.

Cada temática apresentada estrutura-se também em função das expectativas dos públicos, ao mesmo tempo, que reflecte a herança identitária da comunidade que colabora activamente neste processo. Aos domingos de manhã e à tarde, o museu promove encontros com a comunidade, desde visitas guiadas específicas, concertos, palestras, actividades para crianças. O Museu é, assim, uma porta entre o aberto e o fechado, entre a memória e o esquecimento. Não mais associemos o Museu ao sótão onde se depositam as coisas velhas, esquecidas, mas a um lugar de memória produzida pela própria sociedade. Enquanto houver povo haverá Museu e enquanto houver Museu haverá povo para defendê-lo.

## Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro – Informações



3ªfeira a domingo das 10h às 12h 30 m e das 14h às 16h



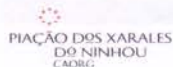
3ªfeira a sábado – no mesmo horário que o Museu



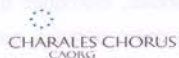
Horário dependente das actividades aí realizadas (consultar a agenda)



2ªfeira a 6ªfeira (das 10h às 12h 30m e das 15h às 18h). As visitas de grupos deverão ser marcadas previamente



4ªfeira das 21h às 22h 30 m (aulas, na sede do CIDLeS)  
(ver outros horários na Escola EB 2+3 de Minde)



3ªfeira e 5ªfeira das 21h 30m às 24h



2ªfeira a sábado das 10h às 21h



3ª e 5ª das 16h às 21h 30m

Secretaria do CAORG

2ªfeira a 6ªfeira das 10h às 13h e das 15h às 21h e sábados das 9h às 17h

Tel 249840022 e 249841292

Fax 249840022

info@caorg.pt museuaguarela@caorg.pt www.caorg.pt

Edição – CAORG

Fotografia – Arquivo fotográfico do CAORG

Impressão – CMA

Distribuição gratuita



Minde 1864 – Lisboa 1935

É o artista de referência no panorama da aguarela portuguesa. Roque Gameiro deu à aguarela “pergaminhos de nobreza,” conferindo-lhe um lugar de destaque; muitos dos caminhos inovadores que a aguarela vai seguir depois dele, foram por ele desbravados.

Oriundo de meio rural, foi em Lisboa e também além fronteiras que teve a oportunidade de trabalhar, estudar e contactar com o meio artístico do seu tempo.

A propensão inata para o desenho, para o pormenor, para a disciplina de trabalho, que foi afinando ao longo da vida, aos quais se juntou o privilégio pela expressão, pela transparência lumínica, pelo trabalho prático, assente num contacto directo e constante com o real, conduziram RG, inevitavelmente, à prática da aguarela - o que ele pretendia só poderia ser executado em aguarela.

Roque Gameiro extasiou-se perante o rigor da observação e a força poética com que descreve, nas suas aguarelas, o observado. São as suas “narrativas” de viagens, que empreendeu um pouco por todo o país, que têm como pano de fundo, ambientes diferentes, que nos levam à descoberta da natureza familiar, da beleza das paisagens, da harmonia profunda que se pode desenvolver na contemplação dos nossos horizontes de todos os dias. Tornou-se o caminhante insaciável que correu o país de lés-a-lés, descobrindo nele as terras, as gentes, os usos e os costumes.

O Portugal que nos quis deixar nos seus desenhos e nas suas aguarelas, aquele “Portugal de algum dia” que tanto o motivou, mas que infelizmente não teve tempo de terminar.

## “Roque Gameiro – um passeio pela aldeia”

A exposição de 02 de janeiro a 30 de abril de 2016 é um passeio. Neste quadrimestre somos convidados a percorrer, guiados pela mão de Roque Gameiro (RG), uma aldeia Portuguesa. Fruto de um domínio técnico impar, de uma abordagem inovadora da aguarela em Portugal, RG fez desta prática uma disciplina artística por excelência, um instrumento privilegiado para a evocação de todo um mundo de tradições, afazeres e tarefas, cenas típicas do Portugal profundo, de todo um conjunto de paisagens ou de cenários de interiores. Todos estes trabalhos exibem um universo de harmonia, equilíbrio, de encanto com a natureza, de celebração do autêntico. É este mundo rural, natural e de harmonia que vamos visitar - uma aldeia longe da fumaça industrial, das revoluções e do mau progresso que ferem a identidade de cada lugar e, nas palavras do Pintor, “ mais por perversão de gosto do que por necessidades de facto”

A identificação do artista com as abordagens citadas está patente em muitos dos seus trabalhos, nos mais diversos temas por ele tratados. Mas porquê e para quê tanta ênfase neste resgate do Portugal antigo que tantos dias de pesquisa lhe exigiram para a realização dos seus trabalhos, nomeadamente de ilustração?

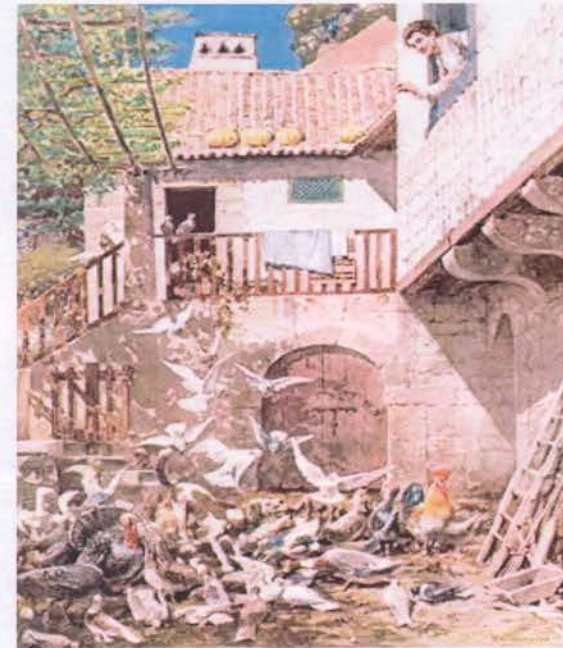
Vestido de fato de lã áspera e com um já conhecido laço verde ao pescoço, eis “ o homem do fato de serrobeco”, Alfredo Roque Gameiro. José Pedro Martins Barata, neto do artista, revelou, numa conversa com a equipa do Museu, que o seu avô tinha o hábito de deixar ao sol o serrobeco que comprava à peça: tinha que parecer mais velho, mais gasto pelo tempo, salientou. Porquê? Mero capricho?

A viagem pela referida aldeia que serviu de cenário para a grande ilustração das Pupilas do senhor Reitor (1904/05) de Júlio Dinis pseudónimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, permitir-nos-á chegar a possíveis pistas para as respostas às duas questões formuladas.

De personalidade forte, com um modo de estar na vida bem característico, RG orientou o seu modo feliz de observar, entender e sentir o mundo que o rodeia de uma forma bem particular, para o amor natural e sensível pelas “gentes, terras, usos e marcas da História” do seu país. Vamos testemunhá-lo. Eis outro grande desafio do passeio pela aldeia, orientado pela arte de RG

Começa a visita, começa o nosso passeio.

Chegamos e connosco chega à aldeia um jovem filho dessa terra vindo da cidade do Porto trazendo com ele “ o canado “ que fez dele médico. Momento de festa: é do Minho toda este gente que se junta na cena com os seus trajes típicos, com a sua forma genuína de receber quem regressa; cena realista marcada tanto por afectos como pela verdade do pé descalço ou pelo testemunho do carrinho de brincar que uma criança puxa para si; caminhamos a bom ritmo. A multidão ficou para traz e o mesmo sol que realçou a expressividade da cena descrita marca agora os contrastes de luz de uma rua da aldeia onde as agruras da pobreza se suavizam pela doce caridade, onde a casa típica do Minho se revela numa fachada característica, como característico se apresenta o pátio com aves de capoeira com o qual nos deparamos.



**O PÁTIO DA CASA**  
A CLASSE DOS DO GAIVO

alfredo roque gameiro (1864-1935)  
aguarela sobre papel - a da borra regatinhada sobre moinho da fonte  
coleção cam (gulbenkian, lisboa) - em depósito no marg (caorg, minde)

Passeamos por terras do Minho, Santo Tirso é a aldeia, reforçara Roque Gameiro aquando da idealização desta para os seus trabalhos de ilustrador. Diante de nós a natureza, as paisagens, o quotidiano tranquilo tão ao gosto do artista. Parece que somos despertados desta contemplação quase panteísta pelo som de um ranger de ferros: um carro de bois e o seu lavrador á conversa

preparando-se para mais um dia de labor: os afazeres da aldeia são ditados pela terra que dá o pão e o vinho, pela caça que o caçador busca e a vivência da sua gente gira em torno dos lagares e das suas dornas, das vinhas, dos campos de milho, tudo pautado pelo toque de sinos.



**RUA DA ALDEIA**  
A D'EL REI DA TERRUJA DIDI

alfredo roque gameiro (1864-1935)  
aguarela sobre papel . a da borra regatinhada sobre moinho da fonte  
coleção cam (gulbenkian, lisboa) – em depósito no marg (caorg, minde)



**O CARRO DOS BOIS**  
O VALALTEIRO

alfredo roque gameiro (1864-1935)  
aguarela sobre papel . a da borra regatinhada sobre moinho da fonte  
coleção cam (gulbenkian, lisboa) – em depósito no marg (caorg, minde)



**A FONTE**  
A REGATINHA MIRANTA A BORBOLETA

alfredo roque gameiro (1864-1935)  
aguarela sobre papel . a da borra regatinhada sobre moinho da fonte  
coleção cam (gulbenkian, lisboa) – em depósito no marg (caorg, minde)



**TIRANDO ÁGUA DO POÇO**  
JORDANDO A REGATINHA DO DO EITEIRO

alfredo roque gameiro (1864-1935)  
aguarela sobre papel . a da borra regatinhada sobre moinho da fonte  
coleção cam (gulbenkian, lisboa) – em depósito no marg (caorg, minde)

Se a terra e a caça dão o alimento, a preciosa água nasce em fontes e poços e dela tudo depende: a norte da aldeia uma telha meio quebrada serve de bica e recebe abundante e inesgotável jorro de água límpida que brota da boca de uma mina; a braços de uma jovem rapariga cantadeira sai de um poço a água que sacia uma casa.

A Obra de Roque Gameiro é igualmente incontornável para o estudo de cenas de interior. Prova-o este nosso percurso que toma agora como destino esses mesmos cenários.



**COMENDO O JANTAR**  
TRILHANDO O 2º CAVALEIRO

alfredo roque gameiro (1864-1935)  
aguarela sobre papel . a da borra regatinhada sobre moinho da fonte  
coleção cam (gulbenkian, lisboa) – em depósito no marg (caorg, minde)



**CONVERSANDO NO QUARTO**  
PIANDO NA CLASSE DE TARRANTAR

alfredo roque gameiro (1864-1935)  
aguarela sobre papel . a da borra regatinhada sobre moinho da fonte  
coleção cam (gulbenkian, lisboa) – em depósito no marg (caorg, minde)

Surpreendemos o pároco da aldeia a paramentar-se no ambiente de religiosidade da sacristia com todos os objectos e símbolos (indumentaria, mobiliário e liturgia) definidores; é hora de almoço, ou de jantar como se dizia então: bem diferente dos banquetes (programas como então se designavam) de protocolo que se começavam a organizar à mesa de concertos, de deputados ou ministros, a mesa que aqui se apresenta é de Dieta Portuguesa, com carne bem passada e muita fruta.

Bem típicas são também a Taberna e a loja que visitamos: na taberna o freguês tem tudo o que precisa: do feijão ao grão, passando por vassouras e pás, o cliente tem também aqui o seu “jornal diário” de tudo o que se passa no seu meio; a taberna é bem mais do que local de vinho à mesa: é sítio de convívio mas também de outros vícios como os jogos de azar, que o sermão do

padre tenta disciplinar. As cenas “A leitura?”, “Mostrando o enxoval” e “Conversando” são bem documentos vitais no que diz respeito á indumentaria, ao mobiliário e aos costumes da época: as meninas que se querem prendadas treinam a leitura e a costura; numa mesma sala mostram-se duas cenas que decorrem mostrando todo um ambiente de época, de objectos de interior de casa, decoração, moda, mobiliário e formas de de galanteio bem específicos desse tempo. As referidas aguarelas, além de toda a dimensão técnica e estética, são, assim, testemunhos de História.

Terminamos o nosso trajeto. Chegou a hora de sairmos da aldeia. Passeio intenso, marcado pelo rigor do traço do artista, repleto de cor e expressão, fínda, assim, com a aguarela “ À saída da aldeia”.

A nossa viagem pela aldeia do Minho que RG representou para a ilustração do romance “ As Pupilas do Senhor Reitor - cronica da aldeia-, permitiu-nos contactar com uma realidade característica do Portugal rural em pleno século XIX: uma aldeia em que os homens vivem com os pés e as mãos na terra; onde as mulheres lavam no rio, ajudam nas lides agrícolas ou cuidam dos seus lares. Uma comunidade governada pelos senhores do pão e do vinho, onde o médico da aldeia cuida do corpo e o padre cuida da alma das suas Gentes. Eis um Portugal rural, autêntico e genuíno, anterior à marcha triunfal da máquina, do relógio que corre e da Era virtual.



**À SAÍDA DA ALDEIA**  
A TERRUJA DIDI ATRÁS DOS CORTIÇOS

Ífredo roque gameiro (1864-1935)  
aguarela sobre papel . a da borra regatinhada sobre moinho da fonte  
coleção cam (gulbenkian, lisboa) – em depósito no marg (caorg, minde)